

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA LÚDICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

(*STORY TELLING AS A PLAYFUL PEDAGOGICAL PRACTICE IN THE ELEMENTARY SCHOOL LEARNING PROCESS*)

Ana Beatriz Teixeira Marques¹
Larissa Kelle Lima Estevam²
Midiã Ferreira Coelho³
Lucíola Lima Caminha Pequeno⁴

RESUMO

O artigo aborda a contação de história como prática pedagógica lúdica no Ensino Fundamental, que tem como foco delimitar pontos significativos no que se refere ao estudo da contação de história e suas contribuições. Os objetivos são conhecer o processo de contação de história como prática pedagógica lúdica no ensino fundamental, identificar os métodos e recursos aplicados pelo docente e destacar como a contação pode estimular a aprendizagem da criança. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, se utilizando da pesquisa bibliográfica e de campo. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário aberto, que foi aplicado a uma professora de Ensino Fundamental, de uma escola Municipal de Fortaleza. Após a pesquisa, percebeu-se como a contação pode ser um instrumento valioso para o educador utilizar em suas práticas e que não se deve subestimar o momento contado da história, onde as crianças se envolvem plenamente, dando assim um aprendizado diversificado, divertido e de acordo com suas linguagens.

Palavras-chave: Contação de História. Ensino Fundamental. Ludicidade.

ABSTRACT

The article addresses storytelling as a playful pedagogical practice in Elementary School, which focuses on delimiting significant points regarding the study of storytelling and its contributions. The main objective was to know the storytelling process as a playful pedagogical practice in Elementary School, identifying methods and strategies that contribute to student learning. The research had a qualitative approach, using literature and field research. As a data collection instrument, we used an open questionnaire, which was applied to an elementary school teacher from a municipal school in Fortaleza. After the research, it was noticed how storytelling can be a valuable instrument for the educator to use in their practices and that the told moment of the story should not be underestimated, where children are fully involved, thus providing a diverse, fun and meaningful learning experience. according to their languages.

Keywords: *Storytelling. Elementary School. Playfulness.*

¹ Aluna do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Uniateneu. Email: bteixeira774@gmail.com

² Aluna do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Uniateneu. Email: larak.estevam@gmail.com

³ Aluna do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Uniateneu. Email: midiaferreira.coelho@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Uniateneu. Email: luciola.pequeno@professor.uniateneu.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A contação de história é uma ferramenta que estimula características para as crianças no Ensino Fundamental, evidenciando a ludicidade no processo de conhecimento desses alunos que se encontram em fase de aperfeiçoamento de seus saberes, pois, já trazem consigo conhecimentos herdados de sua educação informal, adquiridos em ambientes não escolares, mas que formam seus comportamentos e características.

No Ensino Fundamental, a contação de história é uma atividade que pode ser trabalhada de forma lúdica. Para isso, ela precisa ter um bom planejamento, proporcionando um ensino rico de descobertas e aprendizagens efetivas aos discentes que precisam vivenciar a infância em suas características próprias. A contação de história proporciona oportunidades a serem trabalhadas com as crianças, por exemplo, ao contar uma história literária aos alunos, podemos esboçar valores morais para sua formação enquanto cidadão, além de ser importante para o desenvolvimento do senso crítico, ou seja, a capacidade de expressar suas opiniões de forma coerente, dentre outros aspectos.

Para pedagogos e futuros pedagogos, a temática é relevante, pois prepara-os para uma formação teórica e prática, compreendendo de maneira clara a necessidade da literatura, pois a contação de história pode desenvolver a capacidade de interpretação, enriquece o vocabulário, a crítica, que são características muito importantes para a aprendizagem do discente. O que justifica a necessidade de aprofundar melhor essa temática foi o interesse em encontrar uma ferramenta que seja aliada do professor e atue de forma significativa no processo de ensino-aprendizagem através da imaginação. Dessa forma, busca-se responder: como a contação de história pode contribuir para a aprendizagem no Ensino Fundamental? Portanto, a pesquisa tem como base os seguintes objetivos: conhecer o processo de contação de história como prática pedagógica lúdica no Ensino Fundamental; identificar métodos e recursos aplicados pelo docente; destacar como a contação pode estimular a aprendizagem da criança.

Antes da construção do realizamos a leitura relevante de um guia de como contar histórias, tendo sido ele um recurso importante para o nosso melhor aprofundamento com o mundo da contação de história, o que nos motivou para a escolha da temática. A prática de contar histórias, além de desenvolver, aguça a criatividade e transmite valores, contribuindo com uma metodologia lúdica que colabora na aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do Fundamental. De acordo com as leituras realizadas, acreditamos que todo pedagogo precisa desempenhar um papel significativo e que esteja apto para desenvolver as especificidades da contação de história no Ensino Fundamental, tais como: ter um bom planejamento,

conhecimento literário e técnicas de contação de história adequadas para cada idade e situação, dessa forma o educador terá mais facilidade para alcançar os seus objetivos em sala de aula. Sendo assim, é importante que o pedagogo seja conhecedor de estratégias que inovam e valorizam o aprender do aluno, corroborando para uma eficácia em seu aprendizado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico da pesquisa está estruturado em três tópicos, sendo eles: a contação de história através dos tempos: um breve relato; a contação de história como prática pedagógica e lúdica no Fundamental I; possibilidades de trabalhar a contação de história no Ensino Fundamental I.

2.1 A contação de história através dos tempos: um breve relato

A definição de contação de história se caracteriza como uma prática social que oferece uma interação com outras pessoas, vinculando suas religiões, culturas, memórias, entretenimentos, entre outros aspectos que permeiam as relações humanas, promovendo emoções e expressões. Com a contemporaneidade, essas narrativas ganharam novas dimensões, pois vivemos em uma sociedade diferente das gerações anteriores, porém, a contação de história nunca deixou de estar presente na construção de um povo, seguindo uma influência do antes para o agora. Sendo assim Costa (2016, p.38) nos diz que “as narrativas orais tradicionais chegam até a nós, crianças e adultos do século XXI, não da mesma forma que chegaram aos antepassados”, mas, embora as instituições de transmissão tenham se modificado, assim como a sociedade e as relações pessoais, o papel social das narrativas se mantém, adequando-se ao novo contexto.

A contação de história surgiu há muito tempo, quando ainda no período paleolítico, constituído pelos homens que viviam da caça e registravam sua cultura através de pinturas rupestres, representando sua leitura de mundo. Com isso, a civilização pôde conhecer boa parte do seu antepassado histórico-cultural porque os primatas contavam seus hábitos e costumes por meio da arte. A contação não se dá somente da leitura de um livro, mas também pode ser experimentada através da escuta que transparece a cultura dos mais antigos que contavam e contam suas histórias para as novas gerações e, simbolicamente, é acolhida com respeito por sua experiência de vida. Nossos ancestrais também nos trazem uma rica bagagem, como os índios e os afrodescendentes por exemplo, vivências, costumes e histórias que foram sendo ratificadas até os dias atuais.

Uma das maneiras de experimentar esse tempo afetivo é contar histórias, dando vazão às necessidades de comunicação e traduzindo por meio de palavras os acontecimentos cotidianos, as memórias transmitidas pelos ancestrais, as dúvidas, as angústias, as alegrias e os prazeres das existências. (FLECK, 2016, p. 477).

A desenvoltura de contar histórias ao longo da humanidade foi se aperfeiçoando e abriu espaços para além de conhecimentos do senso comum, podendo ser elas trabalhadas, epistemologicamente, dentro de salas de aulas e teatros, contextualizando as necessidades da contemporaneidade. Para Pessôa (2016, p. 494) defende que “as narrativas populares deveriam ser então uma excelente fonte para o teatro. O fazer teatral é um espaço propício para a magia e o encantamento”. Unir a cultura popular ao fazer artístico, enriquece e valoriza nossa cultura e ainda descortina para novas gerações uma sabedoria popular que é milenar e que nos move até hoje.

Antes era comum que as gerações passadas fossem um grande acervo cultural para os mais novos, hoje vivemos em uma sociedade tecnológica na qual o conhecimento pode vir de diferentes lugares e objetos, mas essa tecnologia não tira o brilho da contação de história, ela pode somar em novas práticas, novas metodologias e enriquecer o trabalho do professor no ambiente escolar.

2.2 A contação de história como prática pedagógica e lúdica no Fundamental I.

A palavra ludicidade tem ganhado grande destaque no meio educacional, sua origem vem do Latim *Ludus*, que significa jogo, exercício ou imitação. Saindo do tradicionalismo do conteudismo, a ludicidade nos trouxe a inovação da criança aprender brincando, oportunidade em que o pedagogo por diversas vezes busca o melhor método para efetivar o conhecimento e desenvolvimento das crianças.

Trabalhar a contação de história de maneira lúdica no Ensino Fundamental I é primordial, tendo em vista que a criança ainda está se descobrindo no mundo, e seu amadurecimento cognitivo está sendo construído. A ludicidade vem transpor o conteudismo tradicional e permite que seja vivenciado práticas com intuito pedagógico de maneira contemplativa, permitindo que a criança viva também o faz-de-conta. A contação de história possibilita que a criança esteja inserida nesse universo com uma prática pedagógica voltada a seu desenvolvimento enquanto cidadão, pois a contação assegura o sujeito a condutas importantes de serem construídas nessa etapa da educação.

Ao contarmos histórias para as crianças, desempenhamos práticas pedagógicas importantes para a formação dos alunos. Ela não precisa ser alfabetizada para participar de uma contação de história, pois é através da vivência com a prática que iremos contribuir para diversos aspectos do seu desenvolvimento. Os materiais utilizados – como músicas, cores, apetrechos teatrais, entonação – são fundamentais para fazer da situação uma ocasião de troca de experiências e vivências culturais, valorizando tanto os conhecimentos já adquiridos das crianças, como também aumentando seu repertório com situações planejadas, estudadas e articuladas para o alcance do público com quem se trabalha. Portanto, Abramovich (1995) afirma que:

Ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não... Afinal, adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias pelo telefone (verdadeiras ou fictícias, vontades do que aconteça...), por querer partilhar com outros algum momento que não tenham vivido juntos... quantas vezes, no meio dum papo calido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: “ei, eu já te contei essa história? Não??? Nossa... pois é...”

Ao contar uma história, o pedagogo disponibiliza elementos que envolvem os discentes, dando espaço para o estímulo de habilidades físicas, emocionais e cognitivas: Físicas, quando a criança tem acesso a vivenciar o enredo de forma concreta, sendo inseridas e convidada para os momentos de acordo com o enredo, tornando-a expressiva; Emocionais, quando a contação têm o poder de sensibilizar, alegrar e aguçar sua curiosidade e interesse; O aspecto cognitivo está intrinsecamente ligado à forma como a criança participa do momento, e assim terá influência para seu processo de alfabetização, podendo visualizar cores, números, palavras e imagens relacionadas ao momento, atribuindo-lhes significado e aprendendo palavras e informações por ela até então desconhecidas. Assim, quanto mais trabalharmos usando elementos lúdicos, maior a interação com a criança que construirá seu desenvolvimento, assim sendo, Barcelar (2009) destaca que:

O lúdico tem um papel muito mais amplo e complexo do que, simplesmente, servir para treinamento de habilidades psicomotoras, colocadas como pré-requisito da alfabetização. Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira.

Com isso, percebe-se que trabalhar a contação de maneira lúdica vai muito além de inserir elementos visuais e sonoros. Por muito tempo, a criança foi vista apenas como um mero aprendiz, mas a área da educação como ciência quebra esse paradigma e reflete exclusivamente os efeitos da ludicidade. Muitas crianças ainda sofrem com a negligência e o descaso, tendo seus direitos negados diante de uma sociedade desigual. Muitas delas ainda não têm o direito de vivenciar a ludicidade, a contação de história e sua infância de maneira justa, deparando-se desde cedo com uma realidade difícil e deixando lacunas que permeiam até sua vida adulta. Sobre esse tema, Marcelino (2000) diz:

Acredito que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança. E ao negar a esperança para a faixa etária infantil, a sociedade nega para si, como um todo, a esperança de um futuro novo. Dessa forma, essas colaborações são aqui efetuadas, não no sentido de desviarem a atenção para as desigualdades de classes sociais, mas sim de chamarem a atenção para a especificidade da dominação, em termos, também, de faixa etária que, inclusive, a transcende.

Através de práticas lúdicas podemos motivar uma criança, que por algum motivo venha sendo distanciada das atividades acontecidas na escola, podendo até está sendo desvinculada de uma metodologia mais atraente; portanto o uso de recursos concretos, como materiais e musicais, nos dá uma possibilidade de aperfeiçoar momentos vividos em sala de aula, envolvendo os discentes de forma prazerosa e indivisível do seu processo de desenvolvimento. Bia Bedran (2012) destaca:

Sempre haverá, portanto, encantamento quando alguém conta ou conta uma história, seja está pessoa letrada ou iletrada. A arte narrativa se manifesta tanto no contador tradicional, cujas histórias foram criadas e recriadas ao longo do tempo através da narração de sua experiência e de sua memória, quanto no contador contemporâneo que se instrumentaliza através da pesquisa e da leitura e a insere na prática pedagógica.

Portanto, trabalhar a contação de história como prática pedagógica lúdica nos dá a possibilidade de incluir e abrir novos horizontes e experiências encantadoras, que devem permear todo processo educacional.

Existem várias maneiras de se contar histórias no Ensino Fundamental. A contação pode ser usada para ajudar a ensinar conceitos básicos, tais como números e o alfabeto, ou os mais complexos, como resumos de informações. Também pode ser usada para ajudar as crianças a aprenderem sobre suas próprias culturas e as culturas dos outros, além de ensinar às crianças valores sociais e morais. Em muitas culturas, as histórias são usadas para ensinar

às crianças sobre religião e espiritualidade e sobre a história e as tradições de seu povo. Ao ouvir histórias, elas podem desenvolver suas próprias habilidades de contar histórias. Uma das coisas mais importantes que a contação de histórias faz para as crianças, é ajudá-las a desenvolver suas próprias narrativas, dando espaço para seu próprio protagonismo que evidencia características criativas e linguísticas para sua oralidade consequentemente.

A contação de história desperta uma predisposição na criança que colabora para sua formação enquanto estudante e futuro leitor, deixando de lado o papel apenas de ouvinte. A imaginação é um cursor que permite a decodificação simbólica dos acontecimentos que vão sendo evidenciados no livro, construindo no discente um senso de percepção que se aguçava para a realidade propriamente dita, além da visualização de imagens, cores, letras, instrumentos e tudo aquilo que pode ser trazido para a ocasião. Abramovich (1995, p. 17) diz que “é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...” Porque, se souber, pode deixar de ser prazeroso essa maneira de aprender.

2.3 Possibilidades de trabalhar a contação de história no Ensino Fundamental I

A contação de história no Ensino Fundamental tornou-se um mecanismo de grande eficácia e demonstrou uma riqueza cultural e artística no meio educacional. O pedagogo deve ser conhecedor de estratégias e recursos, oportunizando que o momento seja vivido de maneira objetiva e lúdica, deixando de lado o tradicionalismo e apenas atitudes intuitivas. Coelho (2001, p. 31) nos assegura da ideia de que: “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la”. Sendo assim, o pedagogo precisa estudar a história para que tenha domínio do momento, disponibilizando também recursos para valorizar o ambiente, visualização e dinâmica de acordo com a faixa etária e os conteúdos que pretende trabalhar.

É importante que estimulemos as crianças também a serem contadoras de histórias. Em sala de aula observamos que cada uma delas tem a autonomia de relatar momentos do dia a dia e acontecimentos por elas presenciados. Construir a autonomia e incentivá-las à participação ativa deve ser um ponto de olhar sensível de quem conta histórias. Sobre isso, Mellon (2006) diz que:

As crianças estimuladas pelas histórias que ouvem dos mais velhos geralmente criam histórias maravilhosas e profundas desde muito pequenas. Pais que não

ouvirem histórias na infância podem descobrir maravilhosas habilidades, talvez a espera durante muitos anos para se revelar, escondidas dentro deles. As crianças, especialmente quando acordam e quando vão dormir, podem inspirar nossas melhores histórias. As fontes de imaginação correm livremente dentro delas. Sentados perto de uma criança e olhando profundamente nos seus olhos, podemos encontrar os começos certos e as energias para as histórias que ela precisa ouvir.

A contação de história desperta, portanto, diferentes emoções desde quando somos crianças pequenas, construindo um indivíduo de habilidades sociais e cognitivas ricas. Podemos analisar a contação de histórias em diferentes áreas: como processo terapêutico, troca de saberes entre familiares ou um momento de lazer de pais para filhos, como exemplo. Na área da Pedagogia, ela possui características importantes ao trabalho do pedagogo para com o discente, facilitando que o professor alcance a efetivação de uma prática de ensino-aprendizagem significativa.

Desenvolver aptidões como criatividade e imaginação são primordiais para atividades que nos deparamos ao longo da vida. Desempenhar esse papel é proporcionar isso às crianças, o que é de grande valor para sua formação integral como indivíduo de uma sociedade. A criança aprende divertidamente, e, por meio dessa metodologia, fazemos com que o momento se torne proveitoso, não exigindo e respeitando as particularidades dessa fase. O momento da contação de história pode ser uma troca mútua de experiências, um instante de ouvir e ser ouvido, tendo uma troca de narrador e ouvinte, atitudes que fazem diferença e incrementa uma narrativa formal e ao mesmo tempo descontraída. A seguinte citação nos diz:

Contar histórias é, portanto, criar, brincar. O narrador brinca e cria ao contar, o ouvinte brinca e cria ao ouvir. E a história brinca e cria ao permitir-nos dizer e desdizer coisas indizíveis. Ela brinca com o narrador e com o ouvinte, permitindo que brinquemos juntos com as palavras. (MORAES, 2012, p. 103-104).

Portanto, a contação de história oportuniza trocas e saberes intrínsecos dos indivíduos a quem se destina, podendo despertar sentimentos adormecidos nas subjetividades de sua formação. Oferecer à criança essa troca de experiências oportuniza que ela construa a sensibilidade de entender suas emoções e manifeste sua imaginação de forma abstrata, criativa e pessoal, gerando motivação e entusiasmo a cada nova descoberta.

Além da sensibilidade de escutar o público, a forma de contar histórias pode variar de público para público, pois cada um tem sua particularidade social e cultural. É necessário que nos adaptemos. Moraes (2012, p. 37) nos diz que: “Ao narramos histórias relativas a um dado

lugar ou a uma determinada cultura, convém conhecermos mais sobre o local ou cultura, seu povo, seus costumes, as características do ambiente em que viviam ou vivem”. Dessa forma, a cultura presente do público e do ambiente irão determinar abordagens diferentes e adaptativas, objetivando uma proposta competente para a situação e que faça sentido aos olhos e ouvidos de quem ouve e vê.

Para a contação de história, a organização teórica e prática devem estar presentes como: conhecimento do público, cultura, linguagem, objetos a serem usados, métodos e recursos. Para uma boa história contada, sempre terá um momento que passa sem percebermos, uma vez que a monotonia não faz parte do enredo. Há quem decore, quem crie, quem leia; as estratégias podem variar de contador para contador, pedagogo para pedagogo, o que mais deve ser evidenciado para o momento, é a coerência dos fatos e o alcance ao público-alvo, fazendo com que haja engajamento e encantamento.

Para quem pretende criar sua história, alguns cuidados devem ser tomados, pois, não se deve adaptar uma história já existente com a sua. A seguinte citação de Moraes (2012, p. 87) enfatiza: “Mas quando se trata de uma apresentação profissional é fundamental que o narrador respeite o autor enquanto profissional e compreenda o fato de que alguns escritores não concordam que sejam realizadas adaptações livres de suas obras”. Sendo assim, é necessário ter responsabilidade ao criarmos histórias, devendo ser pensada de forma original e descartando o plágio.

Na contação de história escolhida pelo professor, é importante que ele traga um enredo com emoção e referente o que pretende alcançar para aquele momento. A faixa etária também guiará o contador para a escolha, pois para cada criança é necessário que respeite o seu processo cognitivo e as particularidades de cada um. A fundamentação de conhecer seu público se torna indispensável. Entre a interface do prazer de contar e ouvir história e o estímulo que se dá à criança, deve existir o comprometimento e responsabilidade do que é despertado na criança. Sentimentos como aflição, medo, alegria, curiosidade, entre outros, podem ser notados pelo narrador. É preciso que o momento se torne benéfico para as crianças, estimulando uma troca saudável e de destaque ao que se pretende alcançar. Os clássicos literários podem ser momentos apropriados para alcançarmos discussões com as crianças, aproveitando situações que os envolvam. Através das histórias podemos enfatizar valores éticos e morais das crianças que, mais tarde, exercerão seu papel cidadão dentro da sociedade. No enredo das histórias encontramos vários artifícios para trabalharmos a pluralidade, respeito a religião, raças e as diferenças. O clássico literário do patinho feio é um exemplo para levar às crianças a compreensão do respeito à aparência. Na infância o discente se encontra em um momento de

descobrimiento do eu e do outro, envolvendo outros elementos e característica ao avançar da idade.

Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa. Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme alguma aflição (ABRAMOVICH, 1997, p.20).

A sala de aula deve ser um local de conhecimento e reflexão para a formação de crianças e jovens reflexivos e aptos ao convívio em sociedade. Essa reflexão perpassa os muros da escola e destaca desde cedo a necessidade de pedagogos levarem dinâmicas que enriquecem a construção de personalidade dos alunos. A arte de contar histórias deve ser explorada dentro de nossas escolas, pois quando a criança protagoniza ou assiste, sentimentos propícios dão voz a sua imaginação, criatividade e a descoberta de si e do outro, podendo observar o que a história tem a ensinar. Cores, músicas, entonação da voz, tudo deve ser estudado e dramatizado por quem conta histórias.

A criança aprende atuando, desde que lhe sejam oferecidas oportunidades. O clima adequado para a criança atuar deve oferecer liberdade e respeito, levando em consideração, principalmente, o nível de desenvolvimento de cada criança. Não é conveniente atribuir nota ou conceito à sua produção, pois cada aluno cria na medida de suas possibilidades (CHICOSKI, 2010, p. 85)

As crianças devem ter direito a espontaneidade, a contação de história precisa ser apresentada como ferramenta para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. O docente age intermediando, mas, é necessário que a criança seja respeitada e validada em suas atitudes e comportamentos artísticos, sendo assim, ela é a principal referência para o seu processo de construção do saber.

3 METODOLOGIA

Nesta etapa iremos discorrer sobre os procedimentos utilizados nessa pesquisa.

3.1 Desenho da pesquisa

Nosso trabalho baseia-se em pesquisas bibliográficas que retratam os efeitos que a ludicidade traz no momento da contação de história, tendo como principais autores Abramovich (1997), Bredan (2012), Chicoski (2010), Marcellino (2000), Mellon (2006), Moraes (2012),

Fleck (2016). A pesquisa bibliográfica direciona para uma fundamentação teórica científica e abrangente do que pretendemos alcançar, sendo ela a fonte que utilizamos para enriquecer e elaborar o tema de nossa pesquisa. Sobre a pesquisa bibliográfica:

Abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais, cartográficos etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (LAKATOS e MARCONI, 2001, p.183).

A pesquisa mostrou os benefícios da ludicidade quando ocorre a contação, visando os métodos e materiais utilizados pelo contador de história. Isso caracteriza nossa pesquisa como qualitativa. Para Triviños (1987):

A abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

3.2 Local e participantes da pesquisa

O local da pesquisa foi uma escola Municipal de Fortaleza, de Educação infantil e Ensino Fundamental, localizada no bairro José Walter, que aplica na etapa do Ensino Fundamental a contação de história, existindo nela, vários projetos literários feitos por uma profissional da instituição, sendo assim, a escolha do lócus se evidencia no encontro de uma escola que insere a contação de história no seu dia a dia, explorando-a como ferramenta lúdica pedagógica, com intuito de alfabetizar, formar e contribuir no aprendizado dos alunos do Ensino Fundamental.

Foi feita uma pesquisa de campo. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, pág 86) pesquisa de campo é aquela utilizada com objetivo de conseguir informações e ou acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se comprova.

A participante da pesquisa foi uma professora que atua nessa Escola Municipal desde 1991. Ela é alfabetizadora e contadora de história. Já trabalhou na coordenação pedagógica da Educação Infantil e trabalha com o Fundamental I atualmente. A escolha se justifica por ser uma professora do Ensino Fundamental e contadora de história, que desenvolve projetos, principalmente aqueles que incentivam a leitura. Dentre os projetos citados por ela, estão: Fome de ler, eu sou diferente e você? (relatado pela professora em uma conversa informal).

3.4 Coleta e análise de dados

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um questionário aberto, que tem como característica uma sequência de perguntas apresentadas ao respondente, por escrito, de forma impressa ou digital (VERGARA, 2010). Os dados bibliográficos trouxeram um engajamento e aprofundamento de pontos levantados por nós, nos situando para a problematização e os objetivos traçados. Fizemos um questionário com 10 perguntas para uma pedagoga do Ensino Fundamental.

3.5 Aspectos éticos

A coleta de dados aconteceu através de um questionário aberto com a autorização da participante, dessa forma nenhuma das partes sofreu qualquer dano moral, pois tudo foi realizado em comum acordo, tendo sido assinado o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido - TCLE. O nome da escola e da professora foi mantido em sigilo com intuito de manter a confidencialidade. A professora, por questões profissionais, optou por responder o questionário por meio de um aplicativo de mensagens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aberto foi respondido no dia 20 de abril de 2022 às 19:00, por meio de um aplicativo de mensagens. A participante da pesquisa é alfabetizadora e contadora de histórias, tem formação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e é especialista em Docência dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, tem também uma especialização em Gestão Escolar pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba – FALC. É professora dessa Escola Municipal há 19 anos, onde trabalhou como Coordenadora Pedagógica, Professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental, trabalhando na educação desde 1991.

Na primeira pergunta indagamos sobre o principal objetivo de trabalhar a contação de história no Ensino Fundamental, a professora respondeu que: “O momento oportuniza a criança o aperfeiçoamento de sua concentração, estimula a oralidade e a leitura do educando”. Dessa forma, percebemos que uma característica importante para crianças que ouve e assiste histórias, é o poder de se concentrar, vivenciando o momento na amplitude das suas características, tendo como objetivo o estímulo a leitura no Ensino Fundamental. Moraes (2012) relata que é importante que o contador seja fiel aos dados da história, para que se tenha a compreensão do todo por parte do ouvinte. Por isso a concentração relatada pela professora, é importante nesse momento, para que o aluno possa compreender e o professor alcance o objetivo proposto.

Na segunda pergunta questionamos sobre como o incentivo à leitura pode influenciar a alfabetização e o desenvolvimento da criança, ela respondeu: “Podemos iniciar com a criança sendo ouvinte e fazendo o relato do texto, depois pedindo para criança contar a história através das imagens até que ela consiga ler sozinha”. Observamos que a contação de história permeia o letramento a partir do momento que a criança se insere no mundo da alfabetização, mesmo ainda não tendo o domínio da leitura. A contação de história para a criança que está nesse processo de alfabetização é um mecanismo de forte influência, permitindo que aguace o pensamento abstrato por meio do que está sendo visto e escutado, para que consiga entender os conteúdos curriculares da fase. A respeito disso, Rodrigues (2016):

Falar de história de literatura Infantil sem abranger as duas linguagens que a compõem (verbal e visual) é, no mínimo, um equívoco. A imagem é um texto visual promotor de valores culturais distintas e conhecimento.

Portanto, a construção visual e verbal que a contação proporciona insere na prática pedagógica qualidades que valorizam o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos que observam e ouvem o momento gerando conhecimentos relevantes para seu processo formativo.

Na terceira pergunta, abordamos como se dá o processo de contação de história de forma lúdica e quais os recursos que podem ser utilizados, a pedagoga respondeu que:

É necessário preparar um ambiente acolhedor para a contação de história, onde as crianças se sintam confortáveis e dentro do momento, além de relatar que existe. Existe uma variedade de recursos para a contação de histórias, eu uso a saia literária, avental temático, fantoches, dedoches, cartazes, fantasias...

Vimos que, para descobrirmos o poder imaginativo dos alunos é preciso preparar e acolher eles em um ambiente propício para que a imaginação voe livremente, podendo ser descritos os acontecimentos narrados dos personagens, objetos, paisagens, descobertas por eles observados ludicamente e de maneira perceptiva. Existem muitas possibilidades para que se trabalhe esse momento, podendo ser utilizado um objeto propriamente dito ou criado segundo a criatividade de quem conta. No mundo da imaginação é possível o faz-de-conta. Moraes (2012), nos diz que as possibilidades de criação são sempre tantas que, embora não sejam infinitas, não poderiam ser enumeradas em uma lista. Portanto as possibilidades embora sejam limitadas, são também ilimitadas e a professora se utiliza de vários recursos visuais e lúdicos para esse momento.

Na quarta pergunta, questionamos se a contação de história serve como ferramenta pedagógica e quais metodologias dever ser utilizadas para ser bem explorada, a professora nos respondeu: “A contação de história serve para encantar, distrair, estimular... Pode-se usar a contação de história no momento de início da aula, para introduzir um conteúdo, para aprofundar um conteúdo e no momento de descanso”. A professora cita várias finalidades da contação de história, podendo ser utilizada para se atingir um determinado objetivo, ficando clara sua ação pedagógica. Mellon (2006), afirma que algumas pessoas se revelam através da audição; outras o fazem através da visão, do movimento ou do toque. Diante disso, é possível perceber que a contação de história é efetiva no trabalho pedagógico, pois como cita a professora, é capaz também de “encantar”, sendo assim, pode ultrapassar barreiras que possam existir, estabelecendo também vínculos afetivos de quem conta para quem ouve, desencadeando aspectos sociais, físicos e sociais na criança, que tem oportunidade de escutar histórias, tornando-a mais criativa e sensível, além de contribuir no aprendizado, pois como a entrevistada citou, os conteúdos podem ser trabalhados também, através da contação de história.

Na quinta pergunta, indagamos sobre quais outros aspectos da vida infantil a contação pode contribuir, tendo como resposta: “A contação de história contribui com a oralidade e concentração da criança, além de ampliar o vocabulário do educando”. De acordo com Zilberman (2003), a literatura infantil possibilita o desenvolvimento das habilidades intelectuais e transforma-se num meio de acesso ao real, na medida em que facilita a ordenação de experiências existenciais, pelo conhecimento de histórias, e a expansão de seu domínio linguístico. A partir disso, entendemos que, quando se conta uma história, ficam evidenciados uma cadeia linear de transmissão e assimilação para a criança, nos aspectos relatados pela professora.

Na sexta pergunta, levantamos a questão de como a profissional insere os seus alunos para uma efetiva participação no momento. Ela nos relatou que a criança precisa de uma rotina, destacou em suas palavras que:

Tudo é questão de criar rotina. Nesse início de ano, foi muito complicado, pois as crianças não paravam quietas, sem limites, sem concentração, não conseguiu ouvir ou até mesmo se sentar. Iniciamos com a Contação de Histórias com material lúdico estimulando a participação das crianças, pedindo que esperem as suas vezes para falar, depois começamos a contar histórias com imagens, onde as crianças podem fazer a descrição da mesma e realizando suposições sobre a continuação da história.

Para a criança entender e ser protagonista daquela situação, ela precisa antes de tudo estar preparada física e mentalmente, deixando de lado as distrações que irá tirar o objetivo

proposto para o momento. Isso se dá de maneira natural quando o contador conhece seu público e prepara-o dentro das demandas que podem vir aparecer. Quando a professora falou de seus alunos estarem dispersos no início do ano, ela atrelou o período que eles passaram longe do ambiente escolar pelo motivo da situação pandêmica em que vivemos. Trazer esses alunos novamente para uma rotina requer planejamento e vontade de fazer dar certo e a contação de história ela ensina em suas entrelinhas a capacidade de sabermos ouvir e aprendermos a hora de falarmos. Segundo Mellon (2012):

Inícios são como nascimentos, possuem vazios e aberturas. Eles oferecem um ambiente de calor receptivo ao qual novas crianças podem chegar com segurança. O momento de silêncio antes da história é uma hora sagrada. Ele conecta você e seus ouvintes com o poder criativo do universo. O tempo e a respiração mudam.

A professora se utilizou de material lúdico para que eles comesçassem a participar, interagir, e assim, ir se preparando para o momento da história.

A sétima pergunta foi: qual a importância do planejamento antes de contar uma história? E como se dar o processo de planejar? Segundo a entrevistada,

O planejamento é necessário sempre. Para planejar devemos observar a turma e ver qual tipo de história se encaixa melhor naquele momento. Devemos conhecer bem o material que será utilizado para a contação da história. Conhecer bem a história que será contada é de fundamental importância, para saber mediar as paradas de intervenção.

Para nos colocarmos diante de nossos alunos, é preciso que tenhamos conhecimento e do conhecimento surge domínio e segurança para levarmos nosso profissionalismo a sala de aula. É necessário que o contador de história tenha respaldo dentro de estudos e estruturar as ações que vão ser praticadas para que não haja situações fora do programado, com isso, o planejar se fundamenta de forma sistemática e permite a análise dos pontos que se desejam serem alcançados. Para Fleck (2016), na medida que em que se apropria de um texto escrito, de origem popular ou literária, o contador de histórias lhe dá nova roupagem, reelabora-o, inserindo nele elementos muito particulares por meio da modulação de sua voz, de pausas e gestos ou pela alteração de palavras ou de textual original. A professora percebe que é fundamental ter uma preparação, um planejamento, além de conhecer bem a história que vai contar e os materiais que vai utilizar na hora da contação, além de conhecer seu público – alvo.

A oitava pergunta: acredita que a forma que o contador conduz a história pode aguçar ainda mais a capacidade imaginativa da criança? Quais as melhores estratégias? A entrevistada respondeu que: “Com certeza. As estratégias dependem do público, do ambiente do contador”. Para que a história não seja um momento monótono, o contador precisa saber as melhores estratégias dentro das particularidades de seu grupo. A entonação, a imitação de vozes de acordo com o enredo (seja animais, um tom mais fino, grosso) provocará nos seus alunos o interesse e imaginação de como seria de fato aquele som, podendo ele ser os protagonistas dos personagens também quando o professor dispõe isso para ele, gerando um momento de inserção do aluno em seu próprio descobrimento e desenvoltura. De acordo com Fleck (2016), a arte permite que o homem entre em contato com o lado lúdico de sua existência, que amplie sua imaginação e desenvolva um olhar sensível à realidade. A criatividade, tão valorizada nesses tempos, pode ser estimulada pela aproximação com manifestações artísticas.

Na nona pergunta, questionamos: a contação de história pode acontecer de várias maneiras ou só através da leitura de livro para o público? A professora respondeu que “Existe a contação, a narração, a mediação e a leitura do livro”. É necessário conhecer as diferenças antes de partir para o momento, descobrindo em si o que mais funciona para quem está contando em particular e o que se faz mais atrativo para o público. Experimentar também as diferentes formas de abordar a contação é enriquecedor e amplia nossos conhecimentos pedagógicos para que saibamos lidar com as situações de diferentes formas e performances, não deixando de lado a essencial da história que é encantar. Moraes (2012):

Memorizar é diferente de decorar. Não prezo, nesta forma de contar, a memorização *ipsis litteris*, mas sim a memorização daquilo que costumo chamar de esqueleto, enredo ou roteiro base da história para que o narrador possa por um lado contá-la com suas próprias palavras sem, no entanto, deixar de lado os trechos importantes e relevantes e, por outro lado, sentir-se tão seguro diante da memorização, que possa dar voz ao processo de criação textual no momento de contar.

Na décima pergunta abrimos espaço para que a entrevistada pudesse falar dos projetos que desenvolve na escola a qual está atuando, também perguntamos se ela recebia algum apoio da instituição. Nas suas palavras ela enfatiza:

Na escola que estou atuando no momento realizo vários projetos de incentivo à leitura, dentre eles a saia literária, o autor vai à escola e vamos encantar contando histórias – pequenos escritores. A gestão agradece pelos projetos que desenvolvo, mas o apoio para realizar esses projetos vem de parcerias com autores, editoras e amigos desde que iniciei o blog e o perfil profissional no Instagram.

A arte de contar história vem ganhando espaços para ser uma profissão, oportunizando no contador de história contemporâneo a chance de fazer aquilo que ama e valorizar financeiramente sua arte. Diante disso, a contação de história está inserida em escolas como fonte de enriquecimento social, cultural e cognitivo para os alunos. O contador é um mediador nesse processo e em nossa entrevista pudemos ver que uma contadora de história e pedagoga, transformou os recursos que tinha para desempenhar importantes e significativas fontes de conhecimento em seu trabalho escolar com o público do Ensino Fundamental; a professora enfatiza o agradecimento da escola pelo projeto de contação, mas que o apoio para que isso aconteça, vem de parcerias externas e de seu projeto individual em uma rede social. Para Fleck (2016), o crescimento da figura do contador de histórias é uma constante na maioria dos estados do país. Os contadores têm realizado diversos eventos regionais, nacionais e internacionais, para divulgar, discutir e aprimorar sua arte.

5 CONCLUSÃO

Mediante a pesquisa, percebeu-se como a contação influencia na aprendizagem do aluno, sendo usada como uma prática pedagógica efetiva e que se incluída na rotina da criança, o beneficia na sua construção imaginária, social, e na interação entre criança e livros. Pudemos observar a significativa importância da contação de história como prática pedagógica lúdica no processo de aprendizagem do Ensino Fundamental, pois a ludicidade faz parte do ato de contar histórias, propiciando a utilização de ferramentas pelos contadores e professores, enriquecendo ainda mais o momento e o vínculo com a criança, principal protagonista, colaborando também, para a sua alfabetização e o incentivo de futuros leitores.

Verificou-se desse modo que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois compreendemos as formas de como trabalhar a contação de história de maneira lúdica, conhecendo seu público – alvo, a história, os materiais, percebendo a importância de um bom planejamento para que os objetivos da contação sejam atingidos; conhecemos algumas estratégias utilizadas pelo docente, de modo a estimular a imaginação e criatividade da criança, contribuindo assim, para o seu aprendizado.

Essa prática pedagógica é importante no processo de ensino e aprendizagem e proporciona aos discentes a ampliação do seu desempenho, tornando-os capazes de pensar por si próprios, com senso crítico e com intimidade ao mundo da leitura e escrita. Dessa forma, compreende-se o papel do professor em sala de aula que, ao utilizar esse recurso, facilitará o desenvolvimento de seus alunos, criando oportunidades para introduzir no meio da contação, a cultura, novas ideias e vocabulário diversificado.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ANDRADE E SILVA, Dulciene Anjos de. **Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf**, Curitiba, jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602015000200101&script=sci_arttext&tlng=pt#aff1>. Acessado em: 26 set. 2020.
- BARCELAR, Vera. **Ludicidade e Educação Infantil**. Salvador, Bh: Edufba, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 de setembro de 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/1996. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BREDAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CHICOSKI, Regina. **Literatura Infantil**. Guarapuava: Unicentro, 2010.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.
- LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAKATUS, E.M.; MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MEDEIROS, F.; MORAIS, T.; COSTA.E. **Contação de história: Tradição poética e interfaces**. São Paulo: Edições SESC, 2016.
- MEDEIROS, F.; MORAIS, T.; FLECK.F. **Contação de história: Tradição poética e interfaces**. São Paulo: Edições SESC, 2016.
- MEDEIROS, F.; MORAIS, T.; PÊSSOA, A. **Contação de história: Tradição poética e interfaces**. São Paulo: Edições SESC, 2016.
- MEDEIROS, F.; MORAIS, T.; RODRIGUES, M. **Contação de história: Tradição poética e interfaces**. São Paulo: Edições SESC, 2016.
- MELLON, Nancy. Tradução de Amanda Orlando e Aulyde Soares Rodrigues. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- MINEIRO, M.; D'ÁVILA, C. **Ludicidade: compreensões conceituais de pós-graduandos em educação**, São Paulo, 14 out. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100587>.
Acessado em: 26 set. 2020.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Daniel Neves. Período Paleolítico. **Escola Kids**, 2022. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/historia/periodo-paleolitico.htm#:~:text=O%20Paleol%C3%ADtico%20C3%A9%20um%20per%C3%ADoAD,a%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20pinturas%20rupestres>>. Acessado em: 4 de mai. 2022.

SMITH, V. H; BORDINI, G. S; SPERB, T. M. **Contextos e parceiros do narrar de crianças na escola infantil**. Porto Alegre, 2009, v. 22. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200003&lang=pt. Acessado em: 26 set. 2020.

TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. **Questões preliminares básica. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

01. Qual o principal objetivo de trabalhar a contação de história no Ensino Fundamental?
02. Como o incentivo à leitura pode influenciar a alfabetização e desenvolvimento da criança?
03. Como se dá o processo de contação de história de forma lúdica? Quais os recursos utilizados?
04. A contação de história serve como ferramenta pedagógica? Quais as metodologias devem ser utilizadas para serem bem exploradas?
05. Em quais outros aspectos da vida infantil, a contação pode contribuir?
06. Como você insere esses alunos para uma efetiva participação para uma efetiva participação no momento?
07. Qual a importância do planejamento antes de contar uma história? E como se dar o processo de planejar?
08. Acredita que a forma que o contador conduz a história pode aguçar ainda mais o poder imaginativo da criança? Quais as melhores estratégias?
09. A contação de história pode acontecer de várias maneiras ou somente através da leitura de um livro para o público?
10. Qual o projeto você desenvolve na escola e como ele iniciou? A escola oferece alguma fonte de apoio?

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM A PROFESSORA

01. Qual o principal objetivo de trabalhar a contação de história no ensino Fundamental?

O momento oportuniza criança o aperfeiçoamento de sua concentração, estimula a oralidade e a leitura do educando

02. Como o incentivo à leitura pode influenciar a alfabetização e desenvolvimento da criança?

Podemos iniciar com a criança sendo ouvinte e fazendo o reconto do texto, depois pedindo para a criança contar história através das imagens até que ela consiga contar sozinha.

03. Como se dá o processo de contação de história de forma lúdica? Quais os recursos utilizados?

É necessário preparar um ambiente acolhedor para contação de histórias, onde as crianças se sintam confortáveis. Existe uma variedade de recursos para a contação de histórias. Uso a saia literária, avental temático, fantoches, dedoches, palitoches, cartazes, fantasias...

04. A contação de história serve como ferramenta pedagógica? Quais as metodologias devem ser utilizadas para serem bem exploradas?

A contação de histórias serve para encantar, distrair, estimular... Pode usar a contação de histórias no momento de início da aula, para introduzir um conteúdo, para aprofundar um conteúdo, no momento de descanso.

05. Em quais outros aspectos da vida infantil, a contação pode contribuir?

A contação de história contribui com a oralidade e concentração da criança, além de ampliar o vocabulário.

06. Como você insere esses alunos para uma efetiva participação no momento?

Tudo é questão de criar rotina. Nesse início de ano, foi muito complicado pois as crianças não paravam quietas, sem limites, sem concentração, não conseguiam parar pra ouvir ou até mesmo se sentar. Iniciamos com a contação de histórias com material lúdico estimulando a participação das crianças, pedindo que esperem a sua vez de para falar, depois começamos a contar histórias com imagens, onde as crianças podem fazer a descrição da mesma e realizando suposições sobre a continuação da história ...

07. Qual a importância do planejamento antes de contar uma história? E como se dá o processo de planejar?

O planejamento é necessário sempre. Para planejar devemos observar a turma e ver qual tipo de história se encaixa melhor naquele momento. Devemos conhecer bem o material que será utilizado para contação de história. Conhecer bem a história que será contada é de fundamental importância, para saber mediar as paradas de intervenção.

08. acredita que a forma que o contador conduz a história, pode aguçar ainda mais o poder imaginativo da criança? Quais as melhores estratégias?

Com certeza. As estratégias dependem do público, do ambiente e do contador.

09. A contação de história pode acontecer de várias maneiras ou somente através da leitura de um livro para o público?

Existe a contação, a narração, a mediação e a leitura do livro.

10. Qual o projeto você desenvolve na escola e como ele iniciou? A escola oferece alguma fonte de apoio?

Na escola que estou no momento realizo vários projetos de incentivo à leitura, dentre eles a Saia literária, O Autor vai à escola e vamos encantar contando histórias - pequenos escritores. A gestão agradece pelos projetos que desenvolvo. Mas o apoio para realizar esses projetos vêm de parcerias com autores, editoras e amigos desde que iniciei o blog e o perfil profissional no Instagram.